

GUERINI, Andréia; MEDEIROS, Sérgio (Org.). *Entrevista: Aurora Bernardini*. Curitiba: Medusa, 2018. 116 p. (Coleção Palavra de Tradutor). Colaboração: Valteir Benedito Vaz.

Morgana Aparecida de Matos¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Willian Henrique Cândido Moura²
Universidade Federal de Santa Catarina

Através da interconexão que existe entre os sujeitos de uma entrevista, percebe-se que este gênero emite, através de sua fluidez, a composição de um texto ensaístico leve, informativo e instigante ao leitor, que se envolve com a exposição de ideias e de conhecimentos. A Coleção Palavra de Tradutor, concebida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, dá voz ao tradutor, apresentando aqui Aurora Bernardini, com um conteúdo único sobre a tradutora, suas obras e metodologias de trabalho.

Aurora Bernardini é italiana, radicada no Brasil desde seus 14 anos. Poliglota, além de seu idioma de origem, conhece francês, alemão, inglês e russo, língua esta que estudou no curso de Letras da USP. Tradutora de escritores de renome como Luigi Pirandello, Boris Pasternak e Umberto Eco, ela também é professora e escritora. Por suas traduções, recebeu diversos prêmios, dentre eles o Prêmio Literário da Biblioteca Nacional, em 2005, pela tradução de poemas de Maria Tsevetáieva no livro *Indícios flutuantes*.

A primeira parte do livro intitulada *Anos de formação e prática da tradução*, consistem em entrevista realizada por Andréia Guerini que, ao interagir com a entrevistada, dá ao leitor uma visão descomplicada e pessoal do âmbito da tradução vivenciado por Aurora. Com ampla formação acadêmica em Letras na USP, seu entusiasmo por traduzir começou ainda jovem, quando vivia na Itália e traduziu na escola, do latim, Cícero e Virgílio. A continuidade dos trabalhos de tradução se deu no Brasil, durante a faculdade de Letras, sequenciando os cursos de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, quando percebeu que muitas obras que eram investigadas não possuíam traduções para o português. Destaca-se ainda que para Aurora Bernardini, uma tradutora multifacetada, a tradução é uma forma de autoria.

¹ Doutoranda da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis / Brasil. E-mail: morgana_matos@hotmail.com.

² Mestrando da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis / Brasil. E-mail: willianhenry_@hotmail.com.

A tradução com um T de tragédia é o título da segunda parte, que é uma entrevista dada a Leandro Silveira Pereira, publicada anteriormente na revista Getúlio, da Fundação Getúlio Vargas, em 2007. Aqui, Aurora enfatiza seu empenho em incluir nacionalmente obras de escritores estrangeiros, alguns dos quais considera relevante para a cultura do país. É evidente em seus relatos, os esforços de investigação, elaboração e criação de suas obras, ampliando sobremaneira a visão da tarefa do tradutor, que não se fixa em apenas traduzir mas sim, abranger a correlação cultural com o meio, com a busca de informações e com a construção de repertórios e de conhecimento.

Fica evidente o engajamento de Aurora em seu trabalho tradutório nas respostas à Leandro Silveira Pereira, quando este lhe instiga a falar sobre os relatos de viagem do etnógrafo italiano Conde Ermanno Stradelli, que ela estava traduzindo. Ermano Stradelli viveu 43 anos no Amazonas, estudava a língua nheengatu e a mitologia ameríndia e nunca havia sido traduzido ao português, apesar dos relatos de sua vivência amazônica muito significantes para o Brasil. A exposição meticulosa deste processo de tradução mostra a forma aprofundada de busca por informações que Aurora fez sobre este autor e suas obras.

Sempre muito conectada ao mercado editorial, Aurora fala de suas buscas por editoras, para as quais muitas vezes ela apresentava as traduções prontas sendo que o trabalho era o de convencê-las a publicar. O aspecto inventivo e de inserção de obras desta tradutora manifesta seus posicionamentos frente à literatura, deixando claro que sua lide não se restringe à tarefa escrita de traduzir. Este feito também é marcado quando ela narra fatos da história de vida de Dino Campana, poeta italiano considerado louco, autor de obras que ela traduziu. Em meio a esta narrativa, a tradutora explana também que a poesia deveria ser um dos gêneros da atualidade, defendendo que se consegue ver o universo do escritor em poucos versos e que, para vender mais, é necessário que os leitores também se habituem a ela.

Demonstrando sua característica tradutória heterogênea, Aurora mantém o diálogo com Leandro Silveira Pereira sobre as escolhas do tradutor como a transliteração e a transposição. Quando das traduções do russo, especifica que o tradutor deve conhecer muito bem o mundo que se vai traduzir, por ser uma língua ambígua, em que uma palavra possui vários significados. Apesar disso, seus projetos ainda incluíam a tradução de autores russos contemporâneos, tanto em prosa quanto em verso, como também de autores italianos.

Esta entrevista com Aurora Bernardini oferece ao seu leitor informações pessoais relevantes, a coletânea de suas obras e as concepções teóricas que conformam seu trabalho. O ensaio *Tradução, História e Literatura Comparada*, já lido em maio de 1986 pela autora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contempla a terceira parte do livro de Guerini e Medeiros (2018), corroborada pelos elementos finais da obra apresentando breves exemplos de traduções realizadas por Bernardini.

Sob aspectos estilísticos do fazer tradutório de Haroldo de Campos, Bernardini estabelece em seu ensaio elementos e comentários que analisam a tradução haroldiana, por ele mesmo e por outros autores como Umberto Eco. A autora demonstra claramente que os

procedimentos tradutórios de Haroldo iniciam-se na literatura comparada, ou seja, a comparação de diferentes tradições/traduições faz com que se entenda “certos circunlóquios poéticos que aprisionam o sentido, na língua original (...) mas também lhe confere o impulso e, às vezes, o mote para sua própria tradução.” (p. 67). A tradução poética, tratada em específico neste ensaio, passa por transformações que são também acolhidas pela transposição de elementos extratextuais que, conectados às regras dos critérios intratextuais, podem estabelecer a reinvenção da tradição traduzida, historicizando as contradições do traduzir – conforme Meschonnic, citado por Haroldo de Campos.

Assim, através da complexidade do ato de traduzir, e fala-se aqui de traduzir principalmente da língua russa e italiana, a tradutora e escritora Aurora Fornoni Bernardini demonstra com entusiasmo as felicidades e os percalços da tradução. Guerini e Medeiros (2018) trazem à tona o ânimo e a dedicação desta autora/tradutora com sua arte, expondo não só o trabalho em si mas o valor de se compreender que o ato de traduzir, as escolhas teóricas tradutórias e o cotidiano investigatório são componentes que conformam tradutor de sucesso. Traduzir demanda sensibilidade, traduzir arte demanda sensibilidade artística.

Tal afirmação pode ser comprovada nas partes seguintes da obra, que compõem os *Breves exemplos de tradução*. Inicialmente, é possível vislumbrar a tradução de um poema de Eugenio Montale feita por meio de cartas trocadas entre Haroldo de Campos e Aurora Bernardini. Nas cartas a tradutora expõe sua alegria em traduzir com Campos e apresenta alguns princípios que nortearam suas escolhas tradutórias. Nas palavras da tradutora: “Traduzir com você [Haroldo] é uma aventura... apaixonante.” (p. 84).

Seguindo, encontram-se exemplos da tradução do russo ao português que Aurora Bernardini desenvolveu da poesia de Velimir Khlébnikov, além de relatos de seu encontro em uma viagem à antiga URSS com Rudolf Dugánov, biógrafo de Khlébnikov. O leitor também encontra trechos de sua tradução do português ao italiano, da obra de Raduan Nassar, feita a quatro mãos junto ao próprio autor, e do italiano ao português da obra de Luigi Pirandello.

Desta forma, a entrevista com Aurora Bernardini, bem como a Coleção Palavra de Tradutor, é uma maneira de proporcionar visibilidade e voz ao trabalho do tradutor, profissão que, historicamente, é tida como “invisível”. Ao leitor, cabe compreender os motivos e as circunstâncias em que certas traduções ocorreram, bem como a práxis tradutória e a possibilidade de discussão do fazer tradutório e do ser tradutor.